



ARQUEOLOGIA NO CONTORNO RODOVIÁRIO DE FLORIANÓPOLIS – SC

Material produzido pela equipe do Programa de Prospecção e Resgate Arqueológico na Área de Implantação do Contorno Rodoviário de Florianópolis. A realização deste material é uma medida de compensação exigida pelo licenciamento ambiental federal, conduzido pelo IBAMA, e de acordo com a Instrução Normativa 01/2015 do IPHAN.



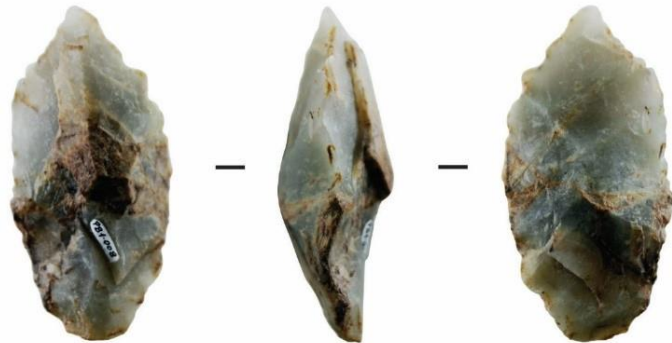
PB1_044



PB1_034



PB1_008



PB1_058



PB1_030



PB1_048



|



|



Capa/Frente: (em ordem sequencial de apresentação): escavações no Sítio Arqueológico Santa Terezinha I, em Santa Terezinha, Biguaçu - SC; arqueólogo em estrutura de pedras no Sítio Arqueológico Morro do Cipó I, em Biguaçu - SC; escavações no Sítio Arqueológico Baixo Aririú I, em Aririú, Palhoça - SC; ponta de projétil, encontrada no Sítio Arqueológico Pedra Branca I, em São Sebastião, Palhoça – SC; lâmina de machado, evidenciada no Sítio Arqueológico Cova Funda I, em São Sebastião, Palhoça - SC; aspecto da estrutura de pedra do Sítio Arqueológico Morro do Cipó I. Verso: imagens produzidas em laboratório dos artefatos líticos do Sítio Arqueológico Pedra Branca I em estudo. Fonte SEI/IPHAN (Disponível em: <<https://sei.iphan.gov.br>>. Acesso em agosto de 2023) e Arteris Litoral Sul. © Arteris Litoral Sul.

CARTA AO LEITOR

Ao longo de todo o processo de implantação do Contorno Rodoviário de Florianópolis, a Arteris tem conduzido suas atividades com extrema atenção aos aspectos arqueológicos da região.

Nosso compromisso com a Arqueologia vai além das exigências legais e regulamentares. Reconhecemos a riqueza histórica e cultural que os sítios arqueológicos representam e, por isso, trabalhamos em estreita parceria com especialistas da área, realizando estudos minuciosos e investigações arqueológicas em todas as frentes de trabalho, para identificar e resgatar quaisquer achados relevantes.

Essa abordagem cuidadosa garante que o patrimônio cultural seja adequadamente documentado e estudado, contribuindo para uma compreensão mais profunda da história da região.

Além disso, mantemos um diálogo constante com órgãos governamentais, instituições de preservação do patrimônio e comunidades locais, garantindo a participação e o envolvimento de todos os interessados nesse processo de preservação.

Nossa preocupação com a Arqueologia reflete o compromisso da Arteris com a sustentabilidade e o desenvolvimento responsável. Acreditamos que a preservação do patrimônio cultural é fundamental para construir um futuro sólido e sustentável para as próximas gerações.

Por meio desse material didático-pedagógico, buscamos compartilhar um pedaço da história desenvolvida no âmbito do licenciamento ambiental da nova rodovia, contribuindo significativamente para enriquecer os estudos arqueológicos na região da Grande Florianópolis.

Nossa missão é construir uma obra que respeite e valorize o passado, ao mesmo tempo que promova o crescimento e o bem-estar da comunidade. Estamos comprometidos em deixar um legado positivo, conectando o presente com a história e as raízes culturais da região.

Daniela Beatriz Goudard Bussmann
Gerente de Sustentabilidade e Meio Ambiente
ARTERIS LITORAL SUL

CARA COMUNIDADE ESCOLAR

O contorno viário está sendo construído entre Palhoça, São José, Biguaçu e Governador Celso Ramos para desafogar o fluxo de veículos de grande porte entre estes municípios e, nesse processo, foram encontrados vários vestígios positivos de ocupação humana, reconhecidos como sítios arqueológicos. Estes vestígios apresentam grande importância científica para a compreensão da história da humanidade.

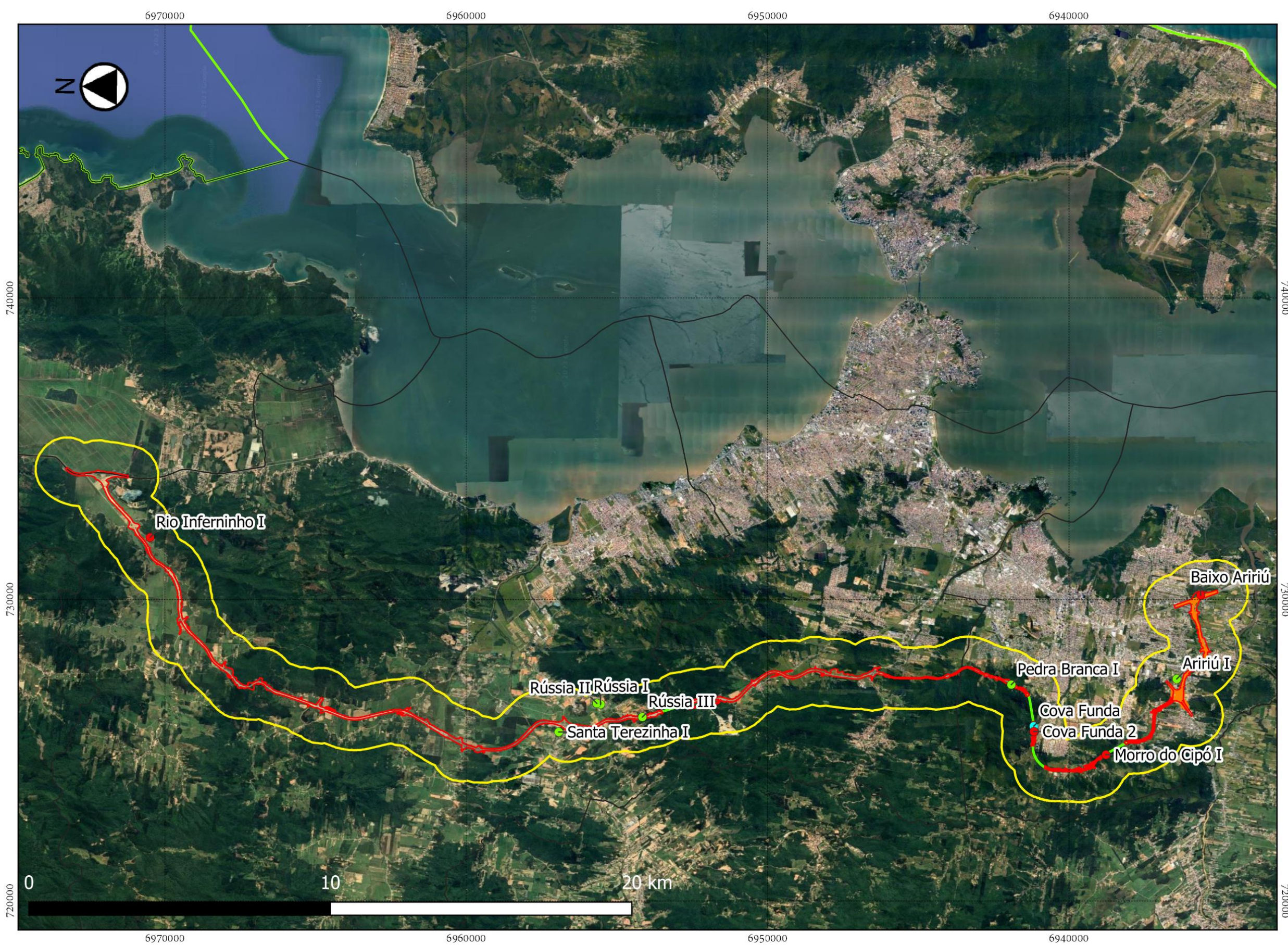
Temos a frente dessa obra grandiosa a ARTERIS, uma das maiores companhias do setor de concessão de rodovias do Brasil, que, além da construção do Contorno Viário Sul, preocupa-se com a história de Santa Catarina, que está registrada em seus achados de artefatos, no trecho do contorno viário, que passa por nosso município Palhoça.

A Arteris em parceria com a empresa A Lasca Arqueologia vem desenvolvendo projetos voltados para a arqueologia no tocante à Educação Patrimonial. Nesse sentido, a rede municipal de ensino de Palhoça, representada pelos professores dos componentes curriculares de História e Geografia, elaborou este material de apoio – Kit Educativo, referente aos conhecimentos arqueológicos adquiridos no contorno viário de nosso município.

Este material didático pedagógico valoriza a nossa história e contribuirá significativamente no aprendizado de nossos estudantes.

Em nome da Secretaria Municipal de Educação de Palhoça, deixo aqui os meus agradecimentos a todos os envolvidos neste projeto.

Gean Karlo Medeiros
Secretário Municipal de Educação de Palhoça



O CONTORNO RODOVIÁRIO DE FLORIANÓPOLIS

O empreendimento que tem como objetivo desviar o tráfego de longa distância da rodovia principal BR 101, na região metropolitana de Florianópolis, através da construção de uma nova rodovia de pista dupla, Classe 1A.

Essa nova rodovia terá cerca de 50 quilômetros de extensão, começando no km 175+200 da BR 101 e terminando no km 232+500. O traçado passará pelo vale do rio Inferninho em Biguaçu SC, pelo vale do rio Biguaçu, pela região de Forquilhas em São José SC, e seguirá a leste do Espigão da Pedra Branca, pelo vale do rio Passa Vinte, rio Maruim e rio Aririú em Palhoça SC, retornando à diretriz da rodovia BR 101, nas proximidades da margem direita do rio Aririú.

O projeto prevê a construção de interseções nas principais vias de ligação, sejam elas federais, estaduais ou municipais, como as rodovias federais BR 101 e BR 282, as rodovias estaduais SC 407 e SC 281, e a Estrada Geral da Encruzilhada em Biguaçu SC. O traçado foi dividido em

três partes: Norte, Intermediário e Sul. Também foram planejadas passagens inferiores para atender às estradas municipais e acessos, mantendo as conexões entre as comunidades que ficarão ao redor da rodovia.

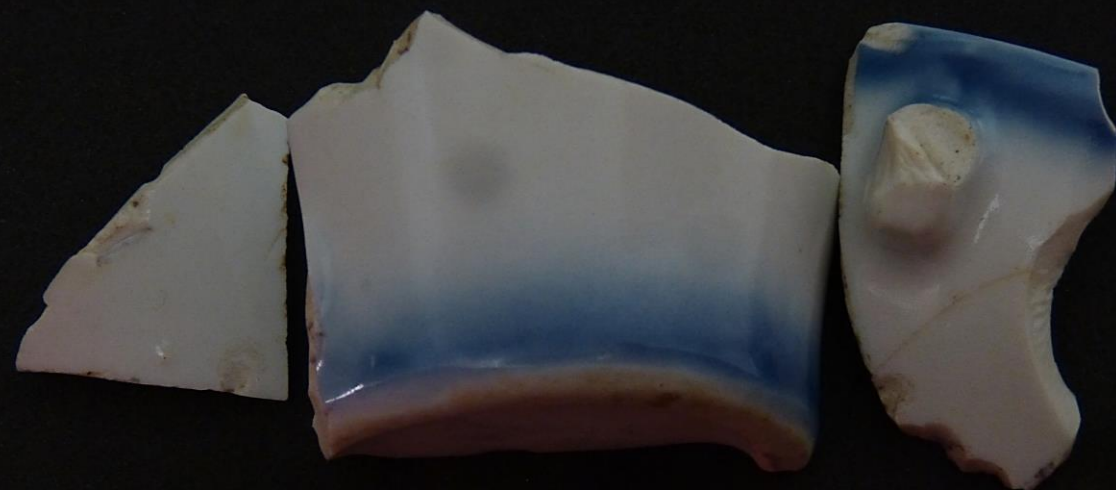
Durante os estudos arqueológicos realizados na área do Contorno Rodoviário de Florianópolis, nos municípios de Governador Celso Ramos, Biguaçu, São José e Palhoça SC, foram encontrados e catalogados junto ao IPHAN, além de terem sido resgatados, 12 sítios arqueológicos relacionados a diferentes povos e períodos de ocupação do território. Esses sítios incluem grupos caçadores-coletores nômades, povos horticultores ceramistas pré-coloniais e sítios arqueológicos históricos associados ao período entre os séculos XVIII e XX.

Os sítios arqueológicos históricos são Inferninho I, Morro do Cipó, Cova Funda I e II, e Baixo Aririú. Já os sítios arqueológicos pré-coloniais líticos

estão associados a grupos caçadores-coletores e são chamados Santa Terezinha I, Rússia I, II, III e IV, Aririú I, e Pedra Branca I. O sítio arqueológico Morro do Cipó também apresentou materiais possivelmente relacionados a grupos horticultores ceramistas.

No total, foram descobertos 7.990 artefatos de interesse arqueológico, abrangendo desde artefatos líticos até metais, fragmentos de cerâmica, louças e vidros. Atualmente, o projeto conta com um valioso acervo, o qual foi cuidadosamente coletado e encaminhado para museus da região, onde está sendo preservado e estudado.

Frente: Percurso do Contorno Rodoviário de Florianópolis, com a localização dos 12 sítios arqueológicos encontrados. Fonte: Arteris Litoral Sul © Arteris Litoral Sul.



ARQUEOLOGIA NO CONTORNO

A ARQUEOLOGIA é uma das ciências que estudam a cultura dos povos do passado e trabalham para a proteção do Patrimônio Cultural.

O PATRIMÔNIO CULTURAL abrange tudo que está relacionado à nossa cultura: festas, memórias, lugares com importância histórica e cultural, modos de fazer, criar e trabalhar. Representa nossa identidade cultural e define quem somos.

Esse patrimônio pode ser MATERIAL, como um sítio arqueológico, ou IMATERIAL, como festas, procissões religiosas e a capoeira, entre outras manifestações importantes.

De acordo com nossa CONSTITUIÇÃO, o PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO também inclui os bens culturais dos diferentes grupos formadores da nossa sociedade.

Além das formas de expressão e locais de manifestação, nossos modos de criar, fazer e viver, nossas criações científicas,

artísticas e tecnológicas, o PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO engloba conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Conhecer nosso PATRIMÔNIO CULTURAL ARQUEOLÓGICO é compreender como as populações que viveram antes de nós ocuparam os lugares onde vivemos hoje.

Por meio de vestígios deixados por essas populações no solo e pelas modificações na paisagem, a Arqueologia busca entender seu modo de vida e costumes.

Os estudos arqueológicos fazem parte do processo de licenciamento ambiental do Contorno Rodoviário de Florianópolis e são conduzidos com o objetivo de preservar o PATRIMÔNIO CULTURAL ARQUEOLÓGICO local.

Essa abordagem visa proteger não apenas os direitos das comunidades próximas à obra, mas também os direitos da região e de todo o povo brasileiro em relação ao seu PATRIMÔNIO CULTURAL.

Durante a construção da nova rodovia, os arqueólogos realizam diversas atividades, incluindo acompanhamento das obras, exploração da área, perfurações no solo e observações da paisagem, com o intuito de estudar a região em questão.

Ao encontrar vestígios, eles os marcam e escavam os locais, desenhando e registrando os materiais identificados. Esses materiais são posteriormente analisados em laboratório, enviados para museus e centros de pesquisa para novos estudos e exibição.

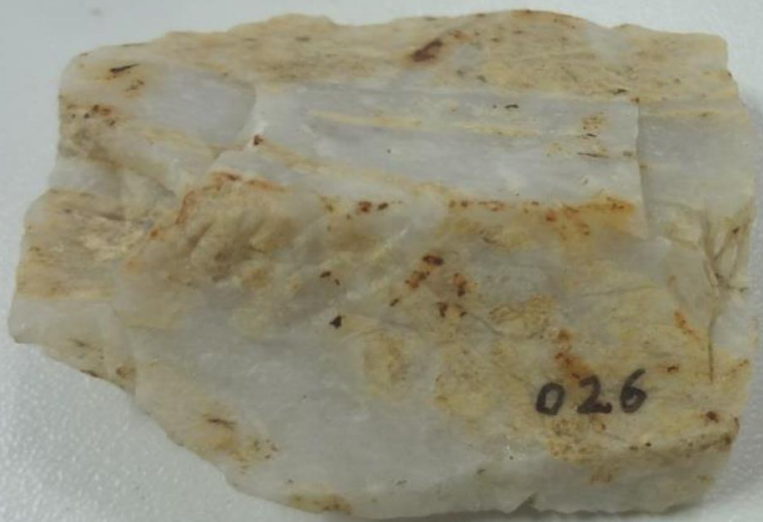
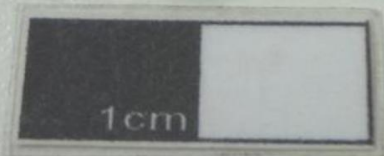
Frente: Artefatos cerâmicos e de louça encontrados no Sítio Arqueológico Cova Funda I, em São Sebastião, Palhoça – SC. Fonte: SEI/IPHAN (Disponível em: <<https://sei.iphan.gov.br>>. Acesso em agosto de 2023 e Arteris Litoral Sul. © Arteris Litoral Sul.



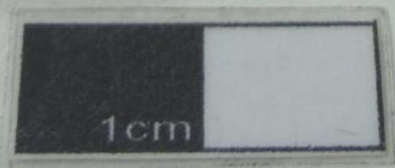
005



004



026









003





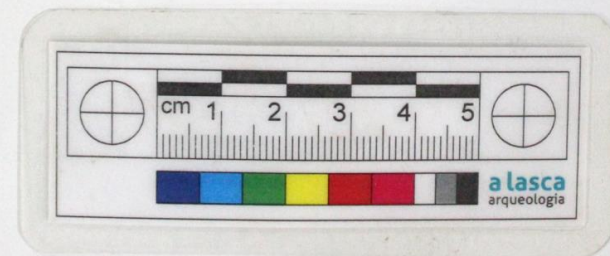
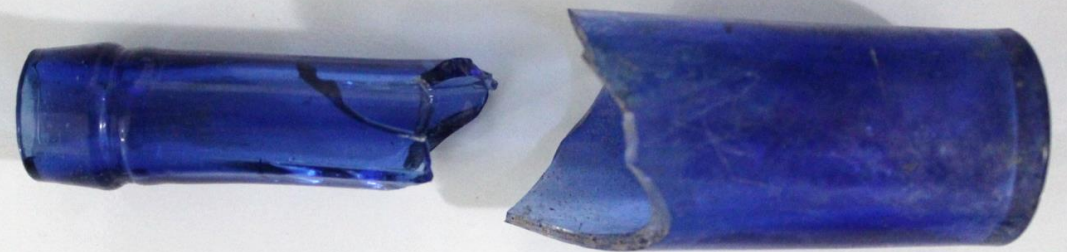
SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS ENCONTRADOS NO CONTORNO

Durante a implantação do Contorno Rodoviário de Florianópolis, foram identificados 12 sítios arqueológicos. Esses sítios revelam vestígios da presença de povos antigos na região, como cerâmicas, artefatos de pedra e ruínas de construções. A descoberta desses sítios desempenha um papel fundamental na compreensão da história da região e das pessoas que a habitaram.

 SÍTIOS ARQUEOLÓGICO	 TIPOLOGIA	 LOCALIDADE	 VESTÍGIOS ENCONTRADOS	 QUANTIDADE
1 RIO INFERNINHO I	Histórico	Rio Inferninho Biguaçu/SC	Fragmentos construtivos, metais e fragmentos de cerâmica e louças	140
2 SANTA TEREZINHA I	Lítico Pré-Colonial	Santa Terezinha Biguaçu/SC	Artefatos líticos (em pedra): lascas e blocos de quartzo	05
3 RÚSSIA I	Lítico Pré-Colonial	Rússia Biguaçu/SC	Artefatos líticos (em pedra): lascas e blocos de quartzo	188
4 RÚSSIA II	Lítico Pré-Colonial	Rússia Biguaçu/SC	Artefatos líticos (em pedra): lascas e blocos de quartzo	114
5 ARIRIÚ I	Lítico Pré-Colonial	Aririú Palhoça/SC	Artefatos líticos (em pedra): lascas e blocos de quartzo	62
6 PEDRA BRANCA I	Lítico Pré-Colonial	Palhoça/SC	Artefatos líticos, pontas de projétil e lâminas de machado	131
7 RÚSSIA III	Lítico Pré-Colonial	Biguaçu/SC	Líticos (lascas e microlascas em quartzo)	4.322
8 RÚSSIA IV	Lítico Pré-Colonial	Biguaçu/SC	Líticos (lascas e microlascas em quartzo)	554
9 COVA FUNDA I	Pré-Colonial e Histórico	Palhoça/SC	Artefatos líticos (em pedra) pré-coloniais e fragmentos de cerâmicas, louças, vidros e metal históricos	1.323
10 MORRO DO CIPÓ I	Histórico	Biguaçu/SC	Estruturas, fragmentos de tijolos maciços, telhas, vidro, louça (faiança fina), cerâmica e líticos	0
11 COVA FUNDA II	Histórico	Biguaçu/SC	Fragmentos de cerâmica, grés, louça (faiança fina) e material construtivo	74
12 BAIXO ARIRIÚ	Histórico	Aririú Palhoça/SC	Metal, fragmentos de cerâmicas, louças, vidros e metal, polímeros e vestígios de fauna	1.077
			 7990 PEÇAS RESGATADAS	



Frente: Artefatos líticos encontrados nos sítios arqueológicos: Pedra Branca I, em São Sebastião, Palhoça - SC (imagens na face superior e esquerda inferior) e Aririú I, em Aririú, Palhoça - SC (imagens na direita inferior). Fonte: SEI/IPHAN (Disponível em: <<https://sei.iphan.gov.br>>. Acesso em agosto de 2023) e Arteris Litoral Sul. © Arteris Litoral Sul.



OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NO CONTORNO

Os sítios arqueológicos Santa Terezinha I, Rússia I e Rússia II são considerados sítios pré-coloniais, relacionados a grupos nômades de caçadores-coletores da Tradição Cultural Arqueológica Umbu. Esses sítios apresentaram proporções menores, com material arqueológico disperso, localizados em colinas, próximos a córregos e planícies de inundação.

Por outro lado, o Sítio Arqueológico Aririú I foi descoberto em uma área mais plana, sem diferenças marcantes entre o assentamento e o curso d'água.

Nos sítios, exceto no Sítio Santa Terezinha I, foram encontradas significativas dispersões de lascas de quartzo, indicando locais de produção de ferramentas. Além das lascas de preparação, também foram encontrados artefatos polidos, como lâminas de machado, confirmando que se tratam de acampamentos temporários de grupos nômades de caçadores-coletores.

Em contraste, os sítios arqueológicos históricos, como o Cova Funda I e II, Morro

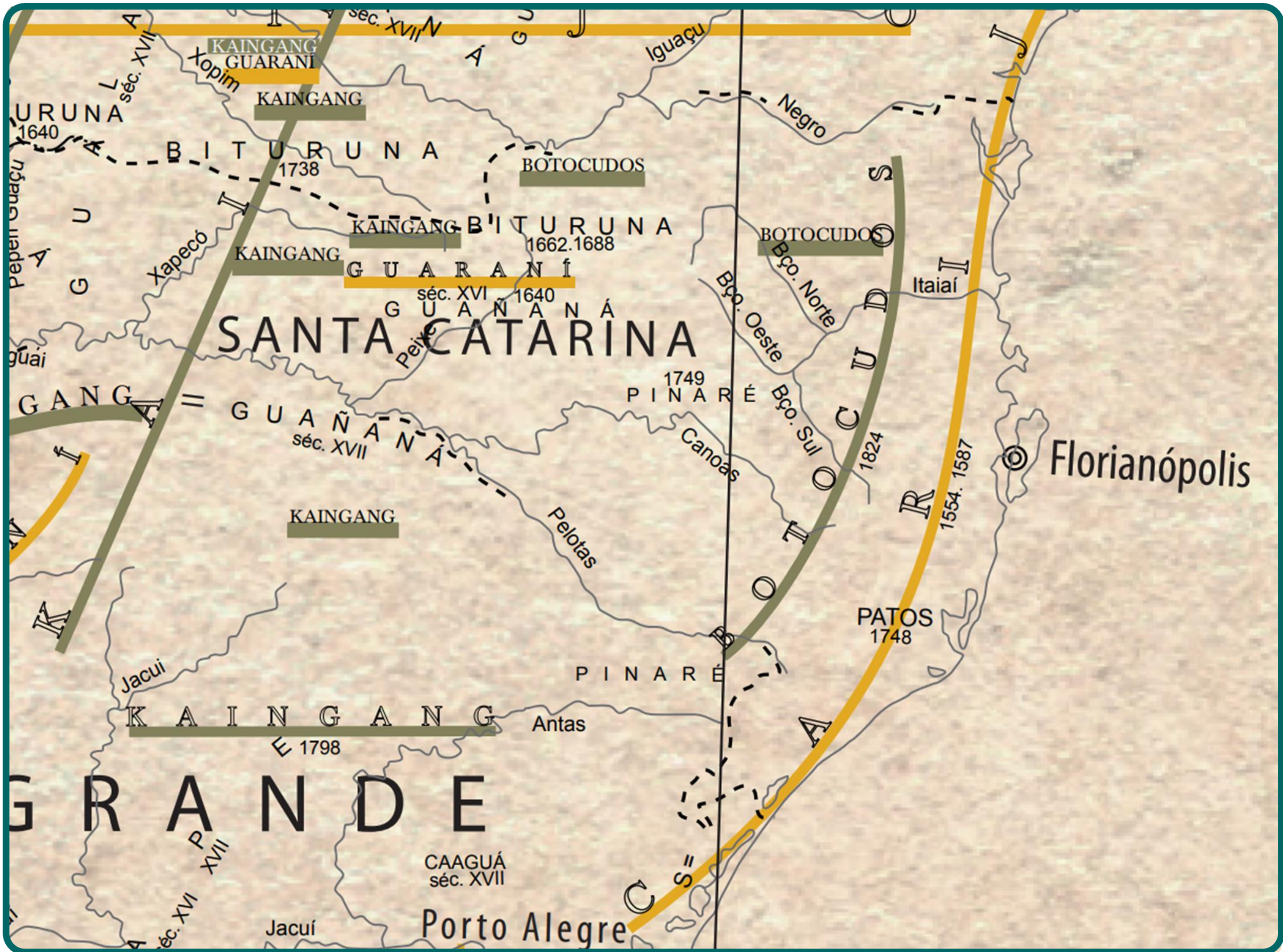


do Cipó I e Baixo Aririú, revelam assentamentos rurais dos séculos XVIII a XX, evidenciando a presença de utensílios de uso rural em metal, bem como fragmentos de louças, cerâmicas e vidros. Esses achados possivelmente

estão associados a habitações, como rancho e estábulo, ou ao período de tropas de carga.



Frente: dobradiça de portão de estrutura rural, fragmentos de telha e de xícara encontrados no Sítio Arqueológico Rio Inferninho I, Biguaçu – SC; fragmentos de vidro evidenciados no Sítio Arqueológico Cova Funda I, em São Sebastião, Palhoça - SC. Verso: Escavações nos sítios arqueológicos: Aririú I, em Palhoça, Rússia I e Rio Inferninho I, em Biguaçu. Fonte: SEI/IPHAN (Disponível em: <<https://sei.iphan.gov.br>>. Acesso em agosto de 2023) e Arteris Litoral Sul. © Arteris Litoral Sul.



SANTA CATARINA

GRANDE

Florianópolis

PATOS
1748

PINARÉ
1749

BOTOCUDOS
1662.1688

BITURUNA
1640

KAINGANG
E 1798

CAAGUÁ
séc. XVII

Porto Alegre

Jacuí

Antas

PINARÉ

Pelotas

BOTOCUDOS

Itaiaí

Bço. Norte

Bço. Oeste

Bço. Sul

Canoas

PINARÉ

SANTA CATARINA

KAINGANG
GUARANI

KAINGANG
BITURUNA

KAINGANG

KAINGANG
GUARANI

Xopim

Xapeco

Peixe

Jacuí

KAINGANG

séc. XVI XVII

séc. XVI 1640

séc. XVII

1738

1662.1688

1824

1554. 1587

sec. XVII N

sec. XVII

1640

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO CONTORNO

O Projeto de Educação Patrimonial do Programa de Prospecção e Resgate Arqueológico no Contorno Rodoviário de Florianópolis teve como objetivo promover a valorização, preservação e educação sobre o patrimônio.

Buscou-se ampliar o conhecimento sobre os antigos povos da região, compartilhando aspectos da Arqueologia Brasileira e do nosso patrimônio cultural e arqueológico, bem como os resultados das pesquisas em andamento.

Essas ações colaboraram na pesquisa e apreciação do diversificado e rico patrimônio cultural e arqueológico local, formando agentes multiplicadores para cuidado, proteção e salvaguarda.

O projeto realizou workshops e encontros com equipes pedagógicas da Secretaria Municipal de Educação de Palhoça e professores da rede, a fim de elaborar o material educativo. Também foram conduzidas oficinas intituladas "Conversando sobre o Meu Patrimônio" com estudantes do Ensino Fundamental II,

nas EBM Nossa Senhora de Fátima e EBM Antonieta Silveira de Souza. Foram ainda realizadas atividades educativas e palestras sobre Educação, Arqueologia e Legislação, direcionadas a gestores e trabalhadores da Arteris.

Para a Educação Patrimonial do projeto, foram utilizadas ferramentas digitais e recursos multimeios, incluindo:

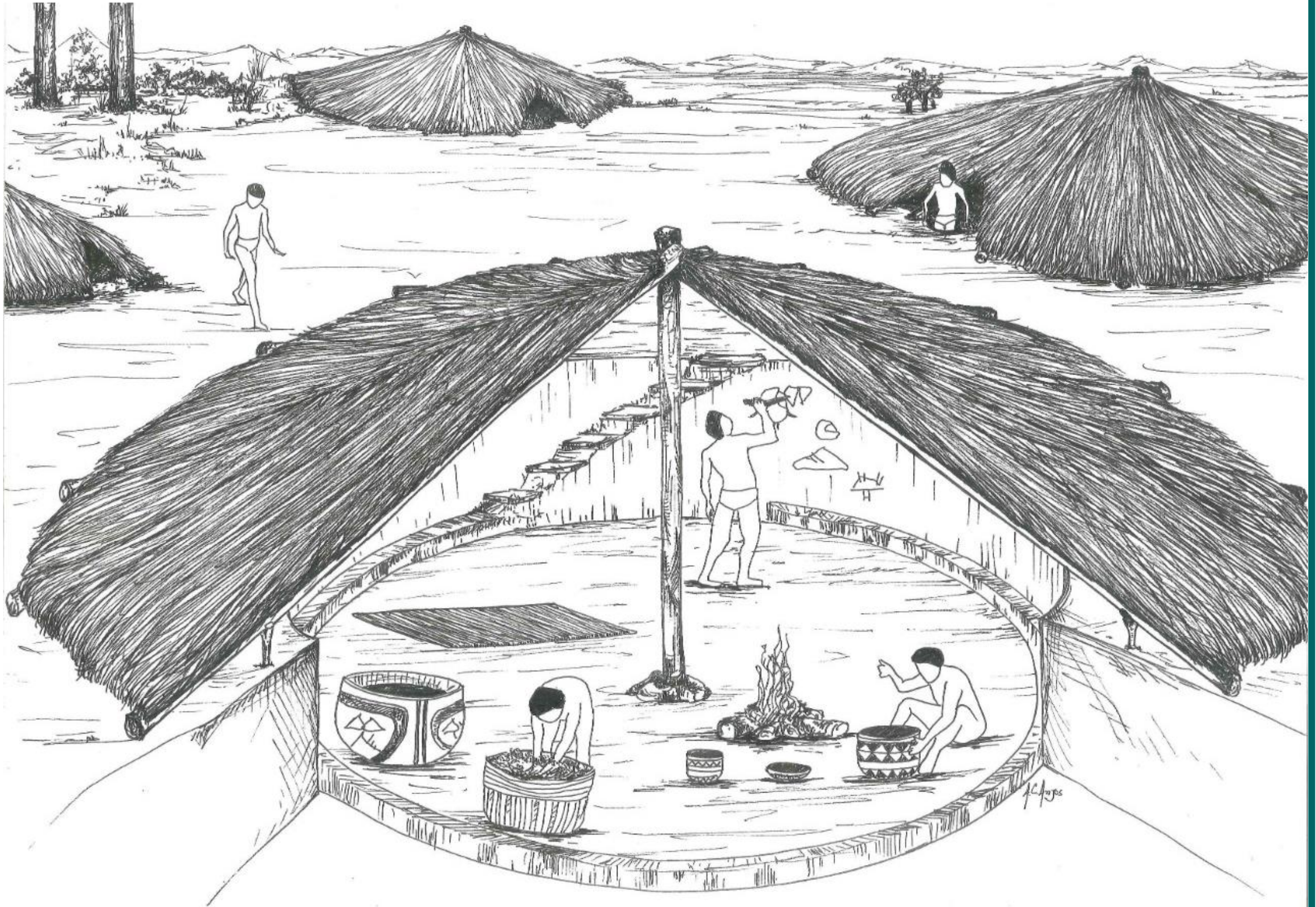
- Criação de uma página na web "Educação Patrimonial Arqueologia no Contorno Rodoviário de Florianópolis" com publicações, materiais de apoio para professores e outros recursos didáticos sobre Arqueologia, patrimônio cultural e Educação Patrimonial;
- Produção de um audiovisual intitulado "Vamos falar de Arqueologia e Patrimônio Cultural?", abordando pesquisas arqueológicas;
- Elaboração de um informativo digital,

vídeo educativo e mostra virtual "Arqueologia no Contorno Rodoviário de Florianópolis".

Esse material apresenta os sítios arqueológicos identificados pelo projeto como potenciais recursos patrimoniais e educativos, possibilitando a compreensão de aspectos históricos e socioculturais dos municípios e sua integração com a história regional e nacional.

A equipe do projeto, em parceria com a SME de Palhoça, tem grandes expectativas de que esse material contribua para o trabalho dos professores com os inúmeros bens culturais locais, sobretudo os artefatos provenientes dos sítios arqueológicos estudados, colaborando para seu conhecimento, difusão e preservação.

Frente: Detalhe do Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes, de Curt Nimuendajú, com os povos indígenas do Estado (ver prancha REFERÊNCIAS).



O PATRIMÔNIO CULTURAL COMO RECURSO EDUCATIVO

A concepção que orientou a criação deste material tem como objetivo fornecer um suporte instrumental ao professor, permitindo que ele trilhe caminhos na construção de um conhecimento contextualizado, crítico e capaz de enfrentar os desafios do presente a partir do patrimônio cultural existente.

Além de retratar detalhadamente a memória e a história da região, desde os tempos pré-coloniais até os períodos históricos mais recentes, os bens culturais arqueológicos identificados possibilitam compreender a imbricação de uma história local com uma "história de sobreposição de projetos", como a dominação e genocídio de povos indígenas no território para a implantação do modelo mercantil português.

Essa história não é pronta e acabada, mas sim uma história que deve ser constantemente repensada à luz das questões atuais, com seu conhecimento alicerçando decisões e escolhas.

É uma história que deve ser discutida, conhecida e perpetuada na memória identitária das futuras gerações.

O conjunto de pranchas foi desenvolvido com a perspectiva de que o uso de diferentes dados, como fotografias, textos, desenhos e mapas, pode ser essencial para o aluno no processo de descoberta e construção do conhecimento.

Esses conteúdos contemplam aspectos que auxiliam na aquisição de competências e habilidades fundamentais para que o aluno se torne um cidadão consciente e participativo.

Os conteúdos presentes nesse material estão alinhados com a conceituação de Educação Patrimonial da Portaria IPHAN nº 137, de 28 de abril de 2016, que a define como uma prática transversal aos processos de preservação e valorização do Patrimônio Cultural Brasileiro.

A Educação Patrimonial é vista como uma ferramenta importante para estimular as comunidades a dialogarem e construir conhecimento relacionado ao seu patrimônio cultural, fortalecendo seus vínculos e promovendo estratégias e dinâmicas de aprendizado sobre seu processo cultural, produtos, manifestações, referências e práticas tradicionais.

Além disso, esses conteúdos podem contribuir de forma transversal com a Base Curricular da Rede Municipal de Ensino de Palhoça, permeando muitos de seus fundamentos e abordagens educacionais.

Frente: representação artística de povos horticultores-ceramistas da Tradição Cultural Arqueológica Itararé. Autoria: Alexandre C. Anjos.



EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: CONCEITUAÇÃO

O patrimônio cultural, em todas as suas manifestações e representações, é hoje considerado um recurso indispensável para o desenvolvimento socioeconômico equilibrado. Seu reconhecimento, cuidado e proteção, juntamente com o patrimônio ambiental, possibilitam que as pessoas, especialmente as novas gerações, compreendam seus múltiplos significados, promovendo o respeito à diversidade das identidades que são construídas e reelaboradas no cotidiano.

Nesse sentido, a Educação Patrimonial é compreendida como todos os processos educativos formais e não-formais, que têm como foco o patrimônio cultural em todas as suas manifestações.

Seu objetivo é colaborar para o reconhecimento, valorização e preservação dos bens culturais como recurso para a compreensão do presente e sua relação com o passado, além de projetá-los para o futuro. A construção coletiva e democrática do conhecimento é primordial, ocorrendo por meio de

diálogo contínuo com os agentes sociais e a efetiva participação das comunidades detentoras das referências culturais, onde convivem diferentes noções de patrimônio cultural (IPHAN, 2014).

Os princípios da Educação Patrimonial estão alinhados com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e são compatíveis com as diretrizes da educação nacional, presentes nos Artigos 205 e 206 da Constituição Federal, no Plano Decenal de Educação e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996).

Também estão em sintonia com as matrizes de competências e habilidades estipuladas pelo INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - em seus Exames Nacionais para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA/DAEB/INEP) e no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM/INEP), nos quais a cultura desempenha um

papel importante na formação da identidade e cidadania.

Esses princípios também estão refletidos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e na Base Curricular da Rede Municipal de Ensino de Palhoça.

O IPHAN, em parceria com o Ministério da Educação, publicou material no âmbito do Programa Mais Educação, que propõe aos professores e alunos vivenciar o conhecimento e o inventário do patrimônio cultural local (ver pranchas REFERÊNCIAS).

Frente: projétil encontrado no Sítio Arqueológico Pedra Branca I, em São Sebastião, Palhoça – SC (imagem superior esquerdo); pontas encontradas no Sítio Arqueológico Rússia III, em Rússia, Biguaçu – SC (imagem superior direito e inferior esquerdo); núcleo encontrado e registrado como ocorrência arqueológica em Palhoça – SC. Fonte: SEI/IPHAN (Disponível em: <<https://sei.iphan.gov.br>>. Acesso em agosto de 2023) e Arteris Litoral Sul. © Arteris Litoral Sul.



EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: METODOLOGIA

Pensar o bem cultural como fonte primária de conhecimento é entender que é possível produzi-lo sobre:

(...) qualquer evidência material ou manifestação da cultura, seja um objeto ou conjunto de bens, um monumento ou um sítio histórico ou arqueológico, uma paisagem natural, um parque ou uma área de proteção ambiental, um centro histórico urbano ou uma comunidade da área rural, uma manifestação popular de caráter folclórico ou ritual, um processo de produção industrial ou artesanal, tecnologias e saberes populares, e qualquer outra expressão resultante da relação entre os indivíduos e seu meio ambiente (HORTA et al., 1999, p.06).

Cada objeto ou evidência da cultura – um artefato comum do cotidiano ou algo que seja utilizado somente em momentos especiais – traz uma multiplicidade de aspectos e significados, com uma diversidade de enfoques que podem ser abordados pelo educador.

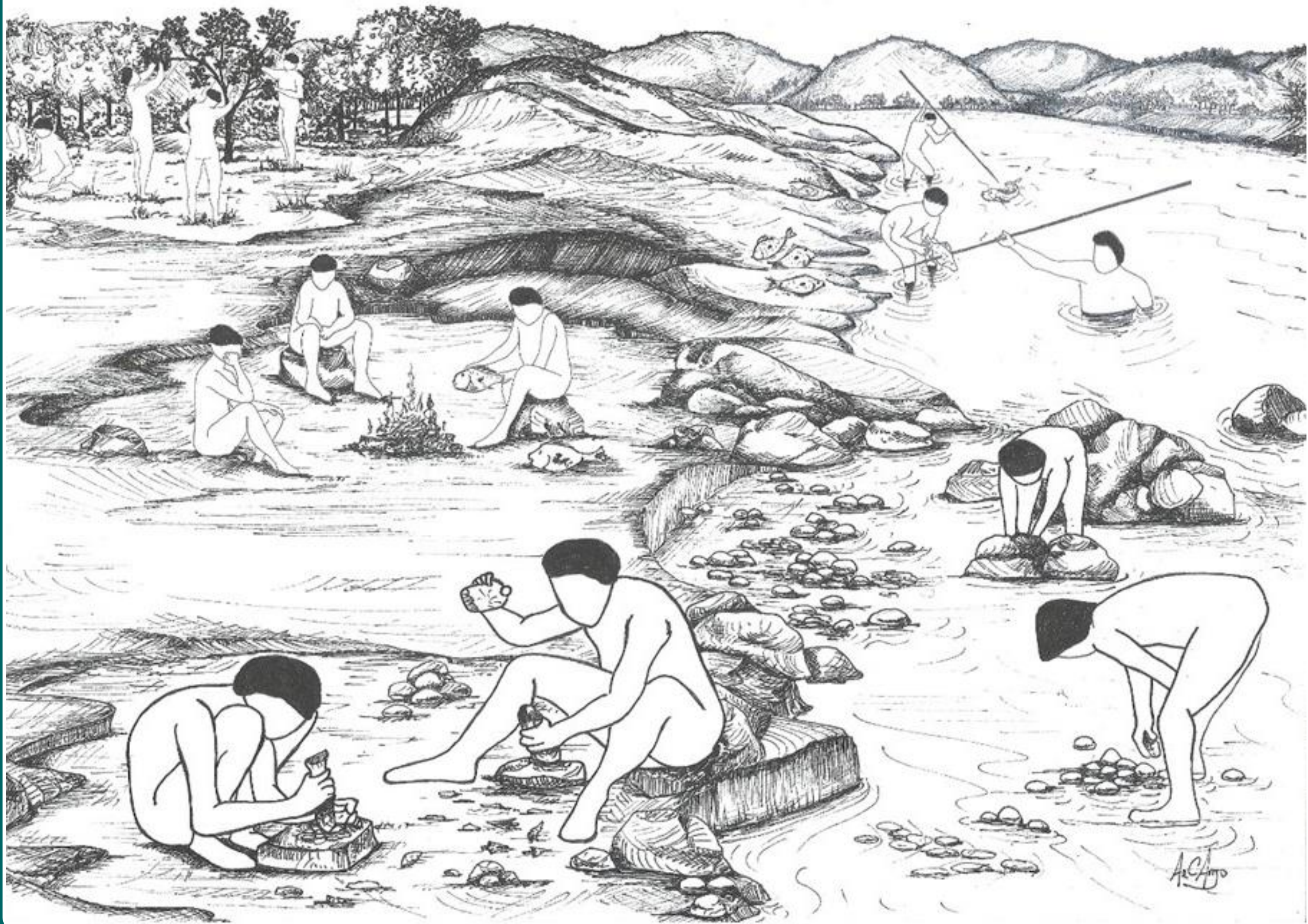
ASPECTOS A OBSERVAR	
ASPECTOS FÍSICOS O que parece ser este objeto?	Que cor tem? Que cheiro tem? Que barulho faz? De que material é feito? O material é natural ou manufaturado? O objeto está completo? Foi alterado, adaptado ou consertado? Está usado?
CONSTRUÇÃO Como é feito?	Onde foi feito? Foi feito a mão ou máquina? Foi feito em uma peça única, ou em parte separadas? Com uso de molde ou modelado a mão? Como foi montado (com pregos, parafusos, cola ou encaixes)?
FUNÇÃO Para que foi feito?	Quem o fez? Para que finalidade? Como foi ou é usado? O uso inicial foi mudado?
FORMA (DESIGN) O objeto tem uma boa forma? É bem desenhado?	De que maneira a forma indica a função? Ele é bem adequado para o uso pretendido? E o material, também o é? É decorado, ornamentado? Como é a decoração? O que a forma e a decoração indicam? Sua aparência lhe agrada?
VALOR Quanto vale este objeto?	Para as pessoas que o fabricaram? Para as pessoas que o usam ou usaram? Para as pessoas que o guardaram ou o venderam? Para você? Para um banco? Para um museu?

Um objeto pode oferecer um conjunto de informações:

(...) a respeito do seu contexto histórico-temporal, da sociedade que o criou, usou e transformou, dos gostos, valores e preferências de um grupo social, do seu nível tecnológico e artesanal, de seus hábitos, da complexa rede de relações sociais. A observação direta, a manipulação e o questionamento do objeto, feito com perguntas apropriadas, podem revelar estas informações em um primeiro nível de conhecimento, que deverá ser extrapolado por meio do estudo e da investigação de fontes complementares como livros, fotografias, documentos, arquivos, cartoriais e eclesiásticos, pesquisas, entrevistas etc. (HORTA, et al, 1999, p. 12).

Essa série de perguntas pode auxiliar neste estudo (adaptado de HORTA et. al, 1999, p.14).

Frente: Lâmina de machado, encontrada no Sítio Arqueológico Cova Funda I, em São Sebastião, Palhoça – SC. SEI/IPHAN (Disponível em: <<https://sei.iphan.gov.br>>. Acesso em agosto de 2023) e Arteris Litoral Sul. © Arteris Litoral Sul.



OS POVOS CAÇADORES-COLETORES

Os primeiros vestígios da presença humana em Santa Catarina datam de de 9.000 anos atrás, com os achados de grupos caçadores-coletores.

Eram populações nômades, que viviam em pequenos acampamentos, fazendo uso de diferentes artefatos líticos – ferramentas de pedra – produzidos por lascamento, como plainas, raspadores, pontas de flechas, furadores e batedores. Eles viviam da caça, coleta de frutos, sementes, folhas e raízes, percorrendo longas distâncias, em especial, nas rotas dos grandes rios.

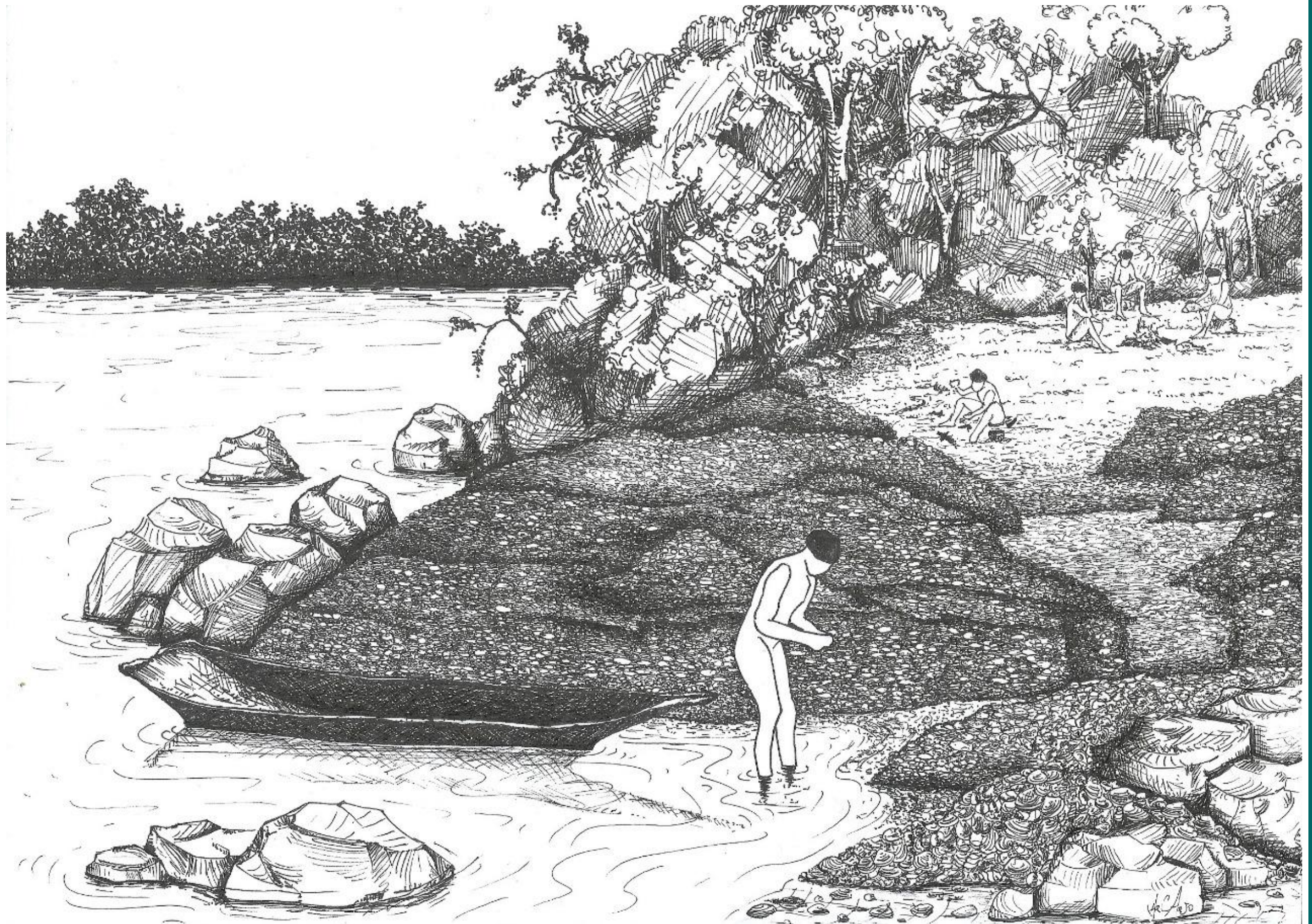
Duas Tradições Culturais Arqueológicas são encontradas no Estado de Santa Catarina para esses povos: a Humaitá, com uma produção de ferramentas feitas em blocos de seixos, vigorosas, robustas, tais como: as lesmas (nome dado por causa de seu formato), feitas para raspar, e machados; e a Umbu, caracterizada por artefatos de pequenas dimensões, cuidadosamente retocados, como pontas de flechas, furadores e raspadores.



Os sítios arqueológicos líticos identificados, registrados e homologados pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no contexto do Projeto foram: o Rússia I, II, III e IV e o Santa Terezinha, no município de Biguaçu, e em Palhoça, o Aririú I. O Sítio Cova Funda I, além de artefatos líticos, também apresentou peças históricas.



Frente: representação artística de povos caçadores-coletores nômades. Autoria: Alexandre C. Anjos. Verso: lâmina de machado, encontrada no Sítio Arqueológico Aririú I, em Aririú, Palhoça – SC. E pontas de projétil, nos sítios arqueológicos Pedra Branca I, em São Sebastião, Palhoça – SC, e Santa Terezinha I, em Santa Terezinha, Biguaçu – SC (com formato de folha). Fonte: SEI/IPHAN (Disponível em: <<https://sei.iphan.gov.br>>). Acesso em agosto de 2023) e Arteris Litoral Sul. © Arteris Litoral Sul.



OS POVOS SAMBAQUIEIROS DO LITORAL

Populações litorâneas de pescadores-coletores apareceram há 6.000 anos nos estuários, canais e mangues, no litoral de Santa Catarina, vivendo na região até 1.000 anos atrás, nos chamados sambaquis (do tupi *tamba*, concha ou marisco, e *ki*, amontoado).

No litoral, existem alguns sambaquis que chegam a 30 metros de altura.

Esses sítios arqueológicos são muito importantes para se conhecer os antigos povos que viveram em nosso território, embora, no passado, desde o período colonial, esses lugares tenham sido muito destruídos, em especial, para a utilização da cal, extraída para a construção de habitações pelos europeus.

Os sambaquis possuem conchas de diferentes espécies de moluscos e bivalves, além de ossos de animais marinhos e terrestres, ossos humanos e artefatos e estruturas produzidas, utilizadas e descartadas pelas pessoas

que viveram ali. Alguns são considerados pelos pesquisadores apenas como cemitérios.

Os sambaquis são encontrados do Amazonas até o Rio Grande do Sul, em maior número em alguns lugares. O litoral de Santa Catarina possui uma grande quantidade deles e os maiores do mundo.

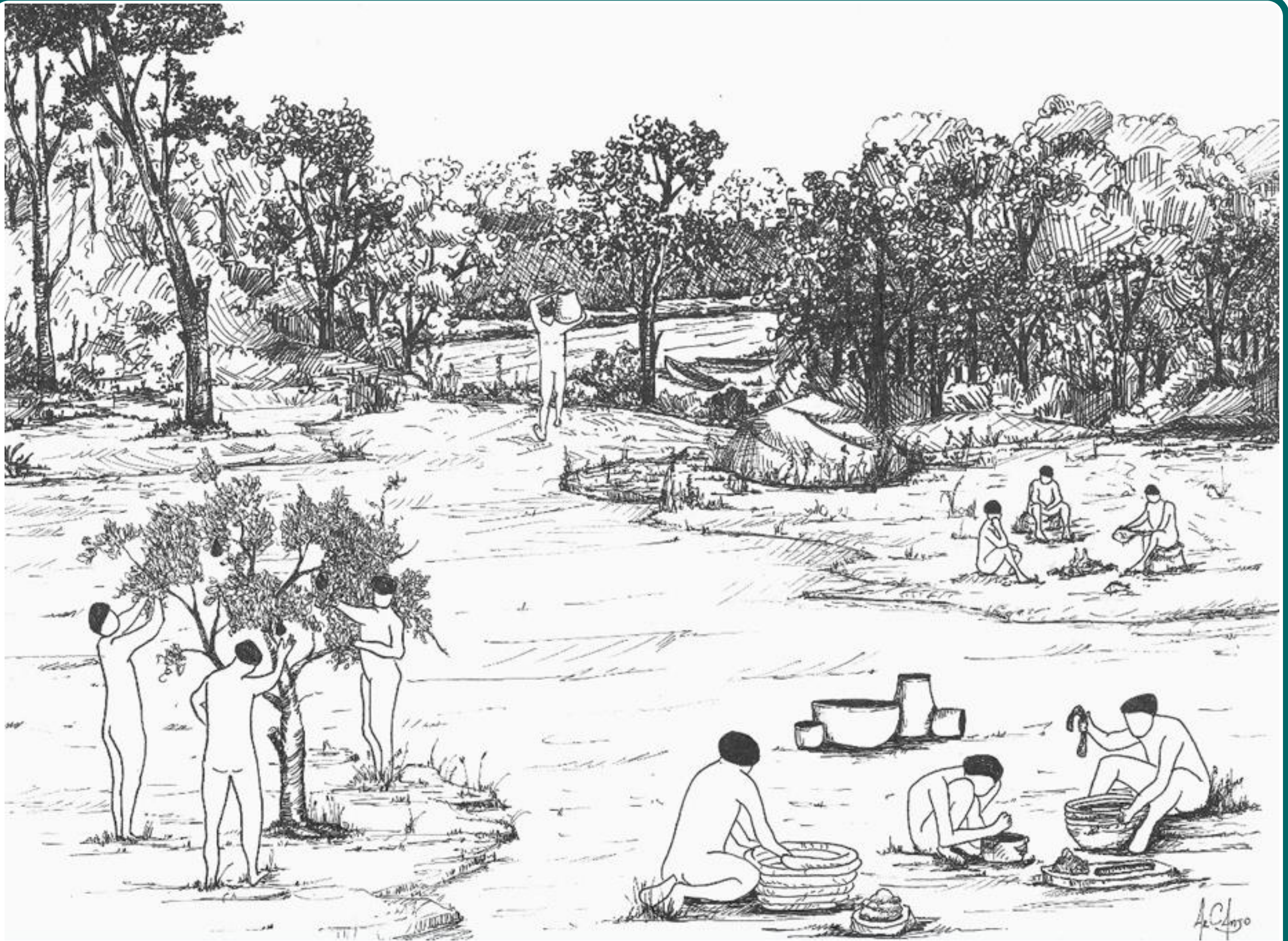
Em São José, existe o registro no IPHAN do Sambaqui da Ilha da Casca, na Fazenda Ponta de Baixo.

No litoral do Estado, também é destaque o grande número de grafismos rupestres em baixo relevo, como os encontrados na Ilha do Campeche, Garopaba e Porto Belo, associados a populações pré-coloniais mais recentes, embora também tenham sido identificados no interior, como em Campos de Lages, em sua maioria, geométricos, com poucas representações antropomorfas, ora isoladas ora agrupadas em painéis; além das oficinas líticas de polimento



como a existente no Costão do Santinho (Museu das Oficinas Líticas), compostas por amoladores e bacias, com marcas e depressões advindas do polimento de artefatos, vinculados pelos arqueólogos a atividades de corte de árvores e produção de esteios de cabanas e canoas.

Frente: representação artística de povos sambaquieiros. Autoria: Alexandre C. Anjos. Verso: gravura rupestre, na Ilha do Campeche, em Florianópolis.
Fonte: IPHAN-SC.



OS POVOS HORTICULTORES-CERAMISTAS

Populações horticultoras-ceramistas apareceram em Santa Catarina por volta de 3.000 anos atrás e formavam grandes aldeias. Entre esses grupos, a Arqueologia identificou duas grandes Tradições Culturais Arqueológicas: a Itararé e a Tupiguarani.

Estudos arqueológicos e linguísticos apontam que as populações Itararé teriam se originado no planalto central e migrado para o sul há mais de 2.000 anos, ocupando um amplo território, entre planícies litorâneas, restingas, mangues, florestas de serra, o planalto de araucárias e os vales florestados do Paraná até a Argentina.

Associadas culturalmente à população Jê (Caigangue), apresentam uma cultura material composta por pequenas cerâmicas escuras, cilíndricas, finas e lisas, com até 40 cm de altura. Além de sítios arqueológicos com casas subterrâneas, aterros, inscrições rupestres e montículos funerários; produziam milho e artefatos líticos, como lâminas de machado, cunhas,

socadores, furadores, raspadores e facas, ocupando grutas, abrigos e áreas abertas.

Outra população, a Tupiguarani, originária da Amazônia, na bacia dos rios Madeira e Guaporé, teria migrado há 2.500 anos, chegando ao sul do Brasil e atingindo territórios do Paraguai, Argentina, Uruguai e Bolívia.

Eles navegavam em canoas pelos grandes rios, como o Paraguai e Paraná, e abriam caminhos terrestres, os guarás e peabirus, interligando as aldeias, com suas roças, a outros assentamentos.

Cultivavam milho, mandioca, feijão, amendoim, batata-doce, abóbora, fumo e mandioca, da qual assavam o beiju e torravam a farinha e também caçavam, pescavam e coletavam moluscos e insetos.

Os Tupiguaranis congregavam diferentes grupos, como os Guaranis, os Tupinambás e Tupiniquins, fazendo cerâmicas decoradas com pinturas ou



incisões corrugadas, unguladas, ponteadas ou escovadas, as quais também utilizavam para enterrar os seus mortos (urnas).

Frente: representação artística de povos horticultores-ceramistas. Autoria: Alexandre C. Anjos. Verso: lâmina de machado, encontrada no Sítio Arqueológico Pedra Branca I, São Sebastião, Palhoça – SC, associada a grupos horticultores-ceramistas pré-coloniais. Fonte: SEI/IPHAN (Disponível em: <<https://sei.iphan.gov.br>>. Acesso em agosto de 2023) e Arteris Litoral Sul. © Arteris Litoral Sul.



SOCIEDADE HISTÓRICA

Foi em meados do século XVII que conquistadores portugueses, vindos de São Paulo, chegaram à região, na saga de apresar e escravizar populações indígenas locais.

Contudo, foi somente no século XVIII, após a invasão espanhola, que a Coroa Portuguesa se decidiu por fundar as primeiras povoações locais, no contexto do projeto colonial, procurando deter novos ataques de potências estrangeiras. É o momento em que surgem as primeiras armações para a pesca de baleia.

Em fins do XVIII e início do XIX, um grande contingente de colonos portugueses vindos dos Açores e de Madeira; de escravos africanos; e de alemães e italianos, entre outras populações, marca as origens dos municípios de Biguaçu, elevado à Vila em 1833, São José, em 1833, Palhoça, em 1894, e Governador Celso Ramos, antigo Ganchos, desmembrado de Biguaçu em 1963.

Os estudos arqueológicos na região têm evidenciado vestígios de antigas propriedades rurais, com o achado de louças, cerâmicas, frascos de vidros e amuradas de pedra, que retratam o cotidiano destes grupos que ocuparam a região.

No projeto, foram identificados alguns sítios arqueológicos históricos: em Biguaçu – SC, o Rio Inferninho I, e em Palhoça, o Cova Funda II e o Morro do Cipó I e o Baixo Aririú, como também com vestígios históricos e pré-coloniais, como o Cova Funda I.



Frente: fragmentos de louças e frasco de vidro resgatados no Sítio Arqueológico Cova Funda I, em São Sebastião, Palhoça. Verso: fragmento de xícara de louça, encontrada no Sítio Arqueológico Inferninho I, em Biguaçu; estrutura de tijolos do Sítio Arqueológico Baixo Aririú, em Palhoça; fragmento de vidro no Sítio Arqueológico Cova Funda I. Fonte: SEI/IPHAN (Disponível em: <<https://sei.iphan.gov.br>>. Acesso em agosto de 2023) e Arteris Litoral Sul. © Arteris Litoral Sul.



REFERÊNCIAS

HORTA, M. L. P.; GRUMBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN – Museu Imperial, 1999.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Cultural - IPHAN. **Educação Patrimonial**. Histórico, conceitos e processos. Textos de Sônia Rampim Florêncio, Pedro Clerot, Juliana Bezerra e Rodrigo Ramassote. Brasília, DF: IPHAN/DARF/COGEDIP/CEDUC, 2014.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Cultural - IPHAN. **Educação Patrimonial no Mais Educação**. IPHAN/Ministério da Cultura – MinC – Ministério da Educação – MEC, 2011.

Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes, de Curt Nimuendajú, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 1943; Mapa do Brasil, IBGE, 1977; Mapa da América do Sul, The American Geographical Society of New York, 1955; Mapa Geológico da América do Sul, 1964;

Disponível em: Carta Aeronáutica, WAC; IBGE, 1978. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, 2017.<<http://portal.iphan.gov.br/indl/noticias/detalhes/4350/mapa-etnografico-reune-linguas-indigenas-do-brasil>>

Museu de Arqueologia e Etnologia da UFSC – MARquE. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: (UFSC). <<https://museu.ufsc.br/marque-virtual/oficinas-liticas/>>. 2023.

Frente: estrutura de pedra, identificada no Sítio Arqueológico Morro do Cipó I, em São Sebastião, Palhoça – SC. Fonte: SEI/IPHAN (Disponível em: <<https://sei.iphan.gov.br>>. Acesso em agosto de 2023) e Arteris Litoral Sul. © Arteris Litoral Sul.

FICHA TÉCNICA

KIT EDUCATIVO ARQUEOLOGIA NO CONTORNO RODOVIÁRIO DE FLORIANÓPOLIS –SC

EQUIPE TÉCNICA ARTERIS LITORAL SUL

Daniela Beatriz Goudard Bussmann
Gerente de Sustentabilidade e Meio Ambiente
Ludmylla Silva Carvalho Sanchez
Analista de Meio Ambiente
Maria Eduarda Vaz
Analista de Meio Ambiente

DESENHOS

Alexandre C. Anjos

FOTOGRAFIAS

Arteris Litoral Sul

EQUIPE TÉCNICA A LASCA

Ma. Lúcia de Jesus C. O. Juliani - Coordenação Geral
Me. Diego Dias Pavei – Arqueólogo
Ma. Maria da Gloria T. Demamann – Arqueóloga
Esp. Renata Lima Furió - Analista ambiental
Ma. Suzana Eliza Roll Munsberg – Arqueóloga
Profa. Dra. Ana Cristina C. Anjos - Socióloga
Prof. Dr. Marcos Rogério R. Carvalho – Arqueólogo

EQUIPE TÉCNICA SME PALHOÇA

Prof. Marcos Moser
Coordenador Pedagógico
Profa. Edivane Lucia Verardi Dutra
Assessora Pedagógica
Profa. Tônia Marly Machado
Assessora Pedagógica
Prof. Rangel Medeiros
Assessor Pedagógico

CONCEPÇÃO, PROJETO EDUCATIVO E TEXTOS

Profa. Dra. Ana Cristina C. Anjos
Prof. Rocelitto Rc
Prof. Mara Regina de Oliveira
Profa. Luciana Silva
Prof. Daniel Simas
Prof. José Carlos Petri
Profa. Marcia Cardoso

Prof. Dr. Marcos Rogério R. Carvalho
Profa. Flávia Souza
Prof. Ilson Ferreira
Profa. Raquel Mara Martins Weiss
Profa. Elizabeth Noceti Pereira
Prof. Glauco Martorano Vieira Filho

Profa. Carolina Heyse
Profa. Mirian Pereira
Prof. Jonas Daniel Brilhão
Profa. Marcia Marcinha
Prof. Ricardo Lorenzo Schmidt
Profa. Isadora Vieira

EXECUÇÃO:



REALIZAÇÃO:

